

Fórum Social Mundial 2009 - Leituras Possíveis

Rogério Renato Silva¹²

Resumo

O artigo procura apresentar ao leitor um registro amplo, apreciativo e reflexivo do conjunto de vivências do autor na oitava edição do Fórum Social Mundial, realizada em Belém do Pará, em Janeiro de 2009. Explorando os sentidos do Fórum como efeito e espaço de autogoverno, procura-se apresentar a produção do Fórum em várias dimensões do processo social, tais como: renovação de energias utópicas, integração e articulação de atores e agendas, construção intergeracional, produção de saberes a partir das práticas dos ativistas e dos movimentos, valorização da economia solidária, entre outros. Discute-se ainda alguns riscos e armadilhas que têm acompanhado a realização do Fórum e procura-se apontar, de maneira otimista e não ufanista, a importância ética, política e estética do encontro em Belém.

Palavras-chave: Fórum Social Mundial; altermundismo; campo social.

Abstract

The present article was written in order to present some of the author experiences within his participation in the World Social Forum eighth edition, held in Belém do Pará, Brazil, in January of 2009. These experiences are presented in a broad, appreciative and reflexive perspective. Considering World Social Forum both as effect and symbolic territory of self-government, the article highlights Forum influences over many social processes' strategic dimensions, such as: growing utopia; renewing activists' energy; social agenda's integration; cross-generational movements; grassroots knowledge production, social economy, etc. Some of the risks and traps around WSF are also pointed out and, in despite of those, a broad range of examples try to show and sustain the ethical, political and aesthetical importance of WSF, avoiding fanatic positions but preserving a needed optimism.

Palavras-chave: World Social Forum, social change, social field.

¹ Doutor em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo e Diretor Executivo do Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social – www.fonte.org.br.

² O autor agradece à hospedagem solidária em Belém oferecida por Luciana Lima, sem a qual este relato sobre o Fórum não poderia ter sido produzido.

Contribuições para um debate infinito

“as coisas estão no mundo, só que é preciso aprender”
Paulinho da Viola

Deixei Belém com a sensação de que a oitava edição do Fórum Social Mundial³ não havia chegado ao fim naquele 01 de Fevereiro de 2009. O Fórum mudaria de território, se espalharia mundo a fora com a intensidade da água e o oxigênio que, a cada dia, a Floresta e a Bacia Amazônica lançam nos ares e nos oceanos da Terra. Belém era mais um giro, mais um passo na construção deste mundo, como outro mundo possível, feliz e necessária utopia em tempos de fartas durezas.

Qualquer apreciação a respeito do gigantismo do Fórum não vai além de um recorte limitado daquele complexo organismo social. Por isso, neste ensaio procuro apresentar o que parecem ser efeitos do FSM em minhas leituras e desejos. A todo custo evito produzir sínteses sobre a vastidão de oficinas (quase 2 mil), marchas, articulações e propostas de ação que fervilharam no calor da Pan-Amazônia. Belém foi um caldeirão de diálogos e útero de compromissos com a vida no Planeta e com o desenvolvimento da humanidade, e é sempre interessante refletir por quê.

Em razão do sentido ético-político que o Fórum social mundial tem ocupado na vida de tantos ativistas, movimentos sociais e instituições tão diversas entre si, torna-se muito desafiador encontrar uma linha de argumentação que dialogue com tamanha diversidade sem apelar à manifestação genérica ou panfletária. Este texto tem a intenção de olhar para um todo (haveria muitos), de lançar um olhar apreciativo para algumas das forças estruturantes do Fórum e, sobretudo, revelar a capacidade do Fórum em influenciar pensamentos, em estimular produções (essa inclusive) e despertar nas pessoas o desejo de fazer parte das próximas edições.

Pelas janelas das quais costumo observar os pulsantes e produtivos movimentos do campo social, saí de Belém confiante na potência e nas possibilidades das realizações humanas, na crescente capacidade dos povos para produzir diálogos, na energia renovável que move nossa disposição de aprender com as próprias experiências e na sublime responsabilidade que nos vincula à vida neste Planeta. Naquilo que operou em mim, a oitava edição do FSM alcançou suas intenções.

Cabe ainda uma última palavra antes de mergulhar no relato a que me proponho. Ainda que este texto concentre seu olhar e seja fruto da oitava edição do Fórum, realizada em Belém, é necessário recordar que o Fórum tem sido uma experiência perene e multicêntrica desde sua primeira edição em Porto Alegre. Cada um dos grandes encontros, por mais emblemáticos que sejam, devem ser tomados como efeitos dos diversos movimentos que compõe o FSM, como nuances e etapas deste rico movimento, o que relativiza o ufanismo que pode impregnar esta leitura, caso ela se dê alienada do contexto sócio-histórico e do processo de desenvolvimento do próprio Fórum Social Mundial.

Imagens do cotidiano: um Fórum como desejo e demonstração

Falar do FSM é falar da capacidade produtiva, programática e pragmática, dos movimentos sociais que povoam o mundo. Nesta direção, quero inicialmente reconhecer o FSM como efeito de um dos mais ricos processos de governança social contemporânea. Desde a iniciativa empreendida em Porto Alegre há quase uma década, o Fórum não apenas está politicamente, como a cada ano expande sua

³ Usarei alternadamente a palavra Fórum e a sigla FSM ao longo do texto.

capacidade de integrar agendas, agregar pessoas e sinalizar ao mundo que, ao contrário das constatações de Fukuyama⁴ e Friedman⁵, a histórica não acabou, tampouco o mundo tornou-se um terreno plano sob o governo difuso e irresponsável das forças autocráticas do capitalismo.

A experiência de auto-organização que mais uma vez propôs e sustentou as atividades do Fórum foi demonstração da grande capacidade de agenciamento da sociedade mundial em torno do interesse coletivo e, em especial, da construção de idéias e práticas altermundistas em um momento de radicalização da crise estrutural do neoliberalismo econômico. Em Belém se deu mais um capítulo de resistência aos modelos mercadocêntricos, e não é demais atribuir esta capacidade articulada de resistência à estrutura colaborativa e democrática que sustenta o Fórum e parte expressiva dos movimentos e instituições que ali estiveram. O FSM foi um território sob a experiência de autogoverno de seus mais de 133 mil participantes, o que merece de cada um de nós o mais respeitoso e interessado olhar.

Fruto da construção simbólica de inúmeros movimentos sociais, o Fórum continua oferecendo caminhos saudáveis de elaboração de uma nova linguagem para apreender os fenômenos sociais, bem como maneiras também novas de lidar com alguns dos mais notáveis fenômenos do desenvolvimento da sociedade: sustentabilidade, direitos humanos, democracia, saúde, educação, etc. Em si mesmo, o Fórum tem sido uma experiência viva da mudança que quer propor, colocando seus participantes em posição de co-gestão e co-responsabilidade.

Nesse sentido, o Fórum tem se constituído um cenário privilegiado para que a agenda social ganhe maior interdependência e sinergia. A oportunidade de entrar em contato com agendas políticas de tantos lugares do mundo, tem favorecido leituras mais sistêmicas da realidade e feito com que novas práticas sejam produzidas na interface entre movimentos, temas e atores. O Fórum tem cumprido o importante papel de romper diques, aproximando gente e setores em uma contra-ofensiva às práticas políticas que historicamente sustentam-se no lema do “dividir para governar”.

No caminho destas aproximações, um dos mais sensíveis avanços que experimentei neste Fórum foi o aumento do interesse dos participantes pelas oficinas e conversas *pequenas* em certo detrimento das *grandes* falas e debates, onde circularam renomadas figuras do campo social, incluindo cinco presidentes sul-americanos. Era como se a principal busca dessa gente fosse a oportunidade de falar do próprio mundo, de contar a própria história e de produzir nos micro-espços uma nova agenda de saberes assentada nas energias utópicas e na experiência vivida e possível de tantos ativistas.

Na base deste movimento voltado aos *pequenos* encontros, talvez estivesse presente uma grande dose de generosidade dos participantes para com as experiências dos *outros*, ao mesmo tempo um razoável grau de abertura para conhecer e aprender pensamentos e práticas estrangeiros à realidade de cada um. A idéia de sistematizar as experiências dos movimentos sociais parece ter assumido sentido transversal, num reconhecimento de que seu futuro, portanto sua coerência, profundidade e eficácia está fortemente relacionado à capacidade de aprendizagem que se cultivar nos espaços de trabalho e militância.

Por falar em aprendizagem, é possível que esteja tocando em um dos principais sentidos éticos que o FSM assumiu neste encontro de 2009, em meio à diversidade de

⁴ Fukuyama, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco; 1992.

⁵ Friedman, Thomas. **O Mundo é Plano**. São Paulo: Objetiva; 2007.

desejos e expectativas que o compuseram. E aqui destaco duas vertentes. Primeiro, em reconhecer que o Fórum não se propõe a ser um espaço de ensino, de tutela ou formação da massa de militantes que engrossam as linhas do ativismo social. O Fórum não tem sustentado um currículo de saberes em torno dos quais se organizam atividades, não tem projetado competências esperadas para seus participantes, muito menos receitas globais para erradicar a pobreza, aniquilar as diversas formas de violência ou salvar a economia planetária numa construção pós-capitalista.

Ao contrário do que se pode observar em outros encontros de natureza global, inclusive Davos, o Fórum não reivindica para si, muito menos para sua diversa e difusa comissão organizadora, a fonte do saber de onde emanam orientações para o desenvolvimento mundial. Enquanto formulação ético-pedagógica, o Fórum sistematicamente refuta a idéia de assumir para si, ou de projetar sobre qualquer liderança social, a ilusória e autocrática idéia do messias. Em Belém, apesar dos milagrosos dilúvios produzidos pela *Pacha-Mama*⁶ *Amazônica* ao longo de todos os dias, não nos propusemos a construir arcas, tampouco a seguir Noé.

Na recusa desta centralização ideológica, o que se pôde experimentar no Fórum foi a intensa valorização dos saberes de cada sujeito e movimento social como disparadores de processos de aprendizagem horizontais e inscritos no contexto de cada participante ali investido do papel aprendiz-educador. Para aqueles que buscaram cooperação, o Fórum respondeu com espaços privilegiados de articulação. Para os que buscaram saídas para suas agruras, o Fórum ofereceu painéis, feiras e materiais fartos de histórias de luta e conquistas sociais. Aos que procuraram reflexões teóricas, o Fórum ofereceu amplas rodas de conversa, palestras e uma farta literatura de apoio. Aos que buscaram fontes para renovar energias utópicas, o Fórum ofereceu marchas, causas e crenças de grande sentido ético.

E por reunir mais de 133 mil participantes de 5808 organizações de 142 países⁷ de todas as regiões do globo, com suas centenas de milhares de leituras, interesses, vínculos políticos e institucionais, é também de se esperar que milhares de fóruns tenham sido experimentados em Belém. Por isso mesmo, milhares de processos de aprendizagem foram ali desenhados, com resultados dos mais aos menos tangíveis, abrangentes e imediatos. Para aqueles que costumam levantar sobre o Fórum suspeitas de flácida produção, falta de objetividade e excessiva desordem, vale a pena pincelar algumas das construções dos recentes dias no Pará.

Mais do que pude observar nas edições anteriores, esta oitava edição do FSM contou com a exponencial presença de movimentos de base comunitária do interior do Brasil e das periferias dos grandes centros urbanos das regiões N, CO e NE. Tais movimentos emprestaram ao Fórum um volume significativo de “velhas demandas” que mais uma vez revelaram sua atualidade (direito à saúde, educação, habitação, saneamento, transporte e trabalho digno). Para evitar a produção de leituras grosseiras (e falsas) da realidade social brasileira por meio de indicadores fantasiosos como o IDH, foi importante entender os brasis (sic) ainda escondidos sob o Brasil, as linguagens contidas no Português e a riqueza cultural oprimida pelo País padronizado que costuma freqüentar as colunas de jornal e as salas de reunião dos arranha-céus.

Por falar em mídia, foi notável o volume de organizações e ativistas de mídia independente que freqüentaram, (*des*)cobriram, registraram e falaram o FSM por todas as partes do mundo. A realização do Fórum Mídia Livre⁸, a injeção de ânimo

⁶ http://pt.wikipedia.org/wiki/Pacha_Mama.

⁷ <http://www.fsm2009amazonia.org.br/noticias/fsm-amazonia-reune-cerca-de-133-mil-pessoas>

⁸ <http://forumdemidialivre.blogspot.com/>

que marcou a presença da Agência Carta Maior, os milhares de blogs alimentados diariamente e a disseminação de vídeos livres no *YouTube* são exemplos do quanto o Fórum foi (e tem sido) capaz de movimentar a produção de um jornalismo implicado e democrático como via para a produção de novas compreensões sobre a Terra e a sociedade. Enquanto a mídia nativa (parafraseando Mino Carta) inunda o país com pautas encaixotadoras e classifica o FSM de *festa neo hippie*, no Fórum produzia-se saber reflexivo a respeito de inúmeras pautas sociais.

E foi por meio desta produção transparente que o FSM pode jogar luz nas recentes e históricas conquistas presentes na reforma constitucional Boliviana, assim como em seus efeitos nutrientes dos movimentos que lutam pela terra em todo o mundo. O sentido dessas conquistas parece ter assumido no Fórum um papel de seiva a revigorar a agenda da reforma agrária no Brasil (desbotada nos últimos anos), bem como explicitar a necessidade estratégica de ampliar as alianças entre os movimentos que têm na posse, uso e preservação da terra suas causas centrais. A potência de articulação desta agenda foi emblemática no Fórum e é possível que os próximos meses promovam avanços fundamentais.

Ainda no campo da cooperação e da produção de alternativas ao desgastado eixo do capitalismo mundial, foi surpreendente experimentar o FSM como uma grande feira a mostrar a potência das atividades de economia solidária, sobretudo impulsionadas pela criatividade das regiões N e NE do Brasil. Ainda que aos mais desatentos as tendas pudessem transmitir a sensação de estar em um centro comercial (ou um Shopping Center) tradicional, as barracas e os produtos eram ali apresentados por centenas de grupos comunitários, associações de mulheres, cooperativas de produtores e artesãos, artistas e empreendedores sociais em diversas áreas de produção.

O comércio de camisetas, bijouterias, alimentos, artesanatos e livros manifestou-se como um discurso robusto sobre a viabilidade da pequena produção; ali lembrava-se cada visitante que um dos caminhos de ruptura dos padrões centrais de desenvolvimento do capitalismo (industrial, padronizado e centralizador de riquezas), encontra-se no reforço a outras lógicas econômicas que permitam a circulação de produtos e serviços e estimulem a produção, ao mesmo tempo que valorizem a diversidade social e ambiental de cada território, articulem consumo e renovação de recursos naturais e, sobretudo, assentem-se sobre uma base mais difusa e plural de distribuição de riquezas.

E isto não é tudo! A forte presença de movimentos juvenis mais uma vez reforçou a imagem do Fórum como abrigo e plataforma para que a sociedade mundial avance na inclusão das juventudes em seus espaços de governança pública, nas instituições, no manejo da vida familiar e no plano ético e discursivo de cada comunidade. Com ainda mais intensidade que as edições anteriores, Belém experimentou a presença transversal de jovens em quase todos os tipos de atividades realizadas.

No plano político, a presença das juventudes nestes espaços significou a reafirmação da idéia de que a agenda política da juventude é a mesma agenda dos movimentos sociais; aí se tratam dos mesmos objetos. Ainda que sejam óbvias, necessárias e eficazes a presença e a implicação direta dos movimentos juvenis nas questões da educação, trabalho e cultura, o Fórum de Belém foi palco para que a juventude demonstrasse ligação umbilical com a questão ambiental, da saúde, os direitos humanos, a organização das cidades, a propriedade da terra, entre tantos temas.

Por caminhos socialmente mais orgânicos e politicamente mais legítimos do que reivindicam frágeis experiências de “protagonismo juvenil” mundo a fora, em Belém viveu-se mais um capítulo da necessária integração e construção intergeracional que tanto contribui para a sustentação das lutas sociais, repaginadas segundo as novas linguagens produzidas no seio dos movimentos juvenis. Nesta articulação, ousou enxergar um campo privilegiado de renovação de energias utópicas para tantas gerações, das mais experimentadas e fustigadas pelas lutas, às mais iniciantes e robustecidas pelo desejo de transformação.

Se já não fosse o suficiente experimentar este encontro de gerações, coube também aos movimentos juvenis organizar um Acampamento Intercontinental da Juventude para mais de quinze mil participantes, sob as chuvas diárias da Amazônia no belo e alagado (também belo porque alagado) campus da Universidade Federal Rural do Pará. A projeção estética do acampamento, que abrigou inúmeros atos políticos, culturais e festivos, foi também a afirmação emblemática de que há uma juventude pronta a se desprender das estruturas, aberta a trocar o fantasioso conforto institucional pelo contraditório e desafiador contato com o real; uma juventude que convida a trocar a miséria coletiva do “certo”, pela infinita possibilidade de justiça do “duvidoso”. Aos céticos e assépticos, um prato cheio de sabores incompreensíveis, arrepiantes e insuportáveis.

E foi também o insuportável da “estrutura física” do Fórum uma das mais belas demonstrações de seu sucesso em 2009, um paradoxo. Ainda que o belo Campus da Universidade Federal do Pará tivesse sido preparado para o evento e reforçado com centenas de apoiadores voluntários, gigantescas tendas de alimentação, palcos para atividades culturais, banheiros e outras estruturas, o gigantesco volume de atividades e de participantes levou para muito além do limite a capacidade física de produzir um Fórum com o conforto desejado por alguns e merecido por muitos.

Interessantemente, foram também as salas apertadas e abarrotadas de participantes espalhados pelo chão que trouxeram energia para muitas das discussões. Foram algumas salas trancadas que fizeram com que oficinas fossem realizadas em espaços abertos e improvisados. Foram tendas “pequenas” que fizeram com que muitas pessoas sentissem a chuva da Amazônia enquanto ouviam atentos aos discursos majestosos de muitas figuras que passaram por Belém. Neste caso, não tenho dúvidas em afirmar que outra estrutura não seria possível e, o que se viveu em Belém, foi a limitação necessária.

Para que esta leitura não seja levemente classificada como viés positivo ou *Leitura à Poliana*, o que sustento é que nenhum estrangulamento da estrutura física e logística do FSM deve ser lido desligado com algumas variáveis importantes do contexto de realização do Fórum: a volumosa presença de participantes de todas as regiões do mundo; a limitada oferta de recursos financeiros “limpos” para o financiamento das atividades; a impossibilidade de manter estruturas urbanas permanentes para eventos tão grandes e esporádicos; a importância ético-política de realizar o FSM em países periféricos, em centros urbanos depauperados por séculos de explorações locais e internacionais desmedidas, como foi/é o caso do Pará.

É diante deste cenário que vale a pena comemorar o aperto, a sala fechada, a fila para o banheiro, a hospedagem solidária (ato que em si mesmo merece muitos olhares), o sanduíche improvisado e o uso extremo de toda a capacidade instalada em Belém. Há como avançar, como superar problemas importantes, tais como a produção e o destino dos resíduos sólidos no Fórum e, ao mesmo tempo, é preciso se dar conta da intensa produção que não sofreu impedimentos daquela estrutura. E,

porque nunca é demais lembrar, se há correções a serem feitas neste âmbito, elas dependem de cada sujeito, organização e movimento que ali participa e que, por isso mesmo, gere o Fórum de maneira colaborativa.

Colaboração que permitiu que esta edição do Fórum fomentasse importantes avanços no conjunto dos eixos temáticos que orientaram os trabalhos em Belém. Em razão de várias forças e métodos, alguns explicitados neste texto, é importante destacar que cada um dos eixos do FSM abrigou construções importantes para os sujeitos e movimentos ali presentes. A produção de leituras sociais, a realização de assembléias de vários movimentos, a produção de cartas de orientação estratégica, a pactuação de planos de ação e de futuras mobilizações e eventos, assim como um grande número de aproximações, trocas e alianças fizeram de Belém um porto do qual partiram para o mundo uma porção de atos, forças, promessas e possibilidades.

Belém ajudou a revigorar a responsabilidade de vários atores sociais com a justiça social que se deseja promover no mundo; ofereceu condições para cada sujeito aprofundar sua leitura dos processos sociais, refletir sobre o sentido e a coerência de suas próprias práticas e trabalhar suas potências e limites na interface entre indivíduo e coletividade, entre desejo, necessidade e possibilidade. Por isso tudo o Fórum constituiu-se mais uma vez em um território para a produção de sujeitos.

Ao mesmo tempo, o Fórum também foi um espaço de disputas entre velhos e novos modelos, entre jeitos mais e menos conservadores de pensar o mundo e nele intervir. O sucesso e os avanços aqui resumidamente descritos não devem, em hipótese alguma, furtar dos sujeitos e movimentos a necessidade de explorar a força das contradições e armadilhas que insistem em testar seus princípios⁹ e ameaçar suas forças plurais, criativas, críticas e independentes.

Entre os riscos, vale a pena depositar atenção na forte atomização que tende a caracterizar muitas das discussões e ações presentes no FSM. Se a pluralidade de atores e métodos continua sendo necessária e desejável, dela se deve tratar para que o plural não se torne fragmento, que as demandas particulares de cada sujeito e organização, em especial muitas das ONGs ali presentes, não promovam mais as instituições (e suas marcas) que as próprias causas e lutas. Sobre este assunto, aliás, pode-se conferir o crítico artigo publicado por Emir Sader¹⁰ como um balanço do Fórum. Ainda que ali haja uma construção que tenda a satanizar as ONGs numa generalização simplista que não combina com os princípios do Fórum e com a trajetória do próprio pesquisador, o alerta é relevante e deve nos ajudar a pensar na relação entre instituições e movimentos, marcas e causas, marketing e ética, todas compondo arenas de embate no FSM.

Além disso, parece ser importante seguir trabalhando na direção de compreender a forma como os partidos políticos e os governos progressistas têm apoiado e participado do Fórum. A necessidade da presença desses atores tem sido vital para articular demandas e pressões populares aos mecanismos mais potentes de produção e implementação de políticas públicas. A presença, contudo, deve seguir caminhos que convidem ao debate e que reconheçam o papel da diferença, do diálogo e da possibilidade de aprender com o outro. O risco aqui veste-se de sectarismo, de satanização do discurso do adversário político, de aparelhamento das atividades, de propaganda governamental e, sobretudo, do abuso de poderes políticos e econômicos para garantir hegemônias.

⁹ http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=4&cd_language=1

¹⁰ http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=15599

Por fim, resta ainda apontar para o risco de se esperar do Fórum a produção de um grande ato uniforme e totalizante que seja capaz de envolver o mundo, e assim dirigi-lo, na direção de um suposto lugar que alguém defina como “o outro mundo possível”. A produção do Fórum tem sido essencialmente difusa, e por isso abrangente. Tem sido no campo dos valores éticos, e por isso silenciosa, quando não invisível. Tem sido no plano da leitura de processos e por isso gradual e sensível. Ao mesmo tempo, tem sido tão edificadora de novas lógicas e possibilidades, que a totalidade da mídia cativa do mercado, prefere escondê-la, desvalorizá-la e tratar o vôo desse organismo como se ele estivesse fadado ao destino de Ícaro. Enganam-se.

Com limitados recursos financeiros, diferenças políticas e culturais necessárias e desejáveis, em Belém reuniu-se em mais um ato sistólico do FSM um extenso leque de movimentos sociais, governos, ONGs, partidos e sujeitos interessados em continuar na produção de um outro mundo mais possível do que o arranjo de agora. Não resta dúvida da importância de seus pensamentos, discursos, vontades e atos a influenciar a agenda social mundial de agora em diante.

O Fórum foi um ato de liberdade e um território moldado por sujeitos implicados; foi realização de desejos de criatividade, colaboração e diversidade, um exercício de busca por equidade, direitos e sustentabilidade planetária. O FSM foi uma resposta ética e metodológica às crises mundiais, sempre repaginadas em tempos e espaços diferentes; emblemática resposta ética, política e estética à anunciada e explosiva falência da do capitalismo.